

Dia do Surdo: os desafios e as possibilidades na UFFS

Estudos, teorias, falta de tempo e, ainda, um local desconhecido. Os estudantes que entram na universidade precisam vencer alguns obstáculos para dar conta das tarefas do cotidiano. Mas para Suzana Back, estudante de Administração, houve – e ainda há – mais para superar: ela é surda. Em alusão ao Dia do Surdo, 26 de setembro, a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó conta um pouco sobre o dia a dia dela, do professor Rivael Fabricio, também surdo, e da intérprete de Libras Elis da Fonseca.

Suzana saiu de uma escola de Ensino Médio onde a maioria dos colegas era surda. E chegou na UFFS com apenas uma. Hoje, é a única estudante surda do Campus Chapecó. Mesmo depois de pensar em desistir, Suzana segue firme nas aulas. Pensa em, futuramente, trabalhar em uma empresa. Mas, de forma

alguma quer deixar de lado o apoio à comunidade surda – pretende contribuir com a administração financeira dos demais.

A estudante, de apenas 21 anos, faz trabalhos em grupo, participa das aulas e, em momentos de necessidade, tira dúvidas com professores com o apoio de um dos intérpretes de Libras da Instituição. Na quinta fase do curso, Suzana faz componentes curriculares de manhã e à noite e, apesar de considerar o curso bastante intenso, afirma que se sente bem estudando e gosta da Administração.

Há quatro meses na UFFS – Campus Chapecó, o professor Rivael ministra aulas em três turmas. No início, para ele, os estudantes ficaram agitados em saber que o professor que ministraria as aulas seria surdo. “Mas hoje, com meus alunos, não falta nada”, revela ele.

O diretor do Campus Chapecó, Charles

Schultz, que é ouvinte, já foi professor de Suzana. Conforme Schultz, o primeiro contato foi diretamente com o intérprete, buscando informações de como trabalhar com a estudante. O professor comenta que aprendeu algumas técnicas, como colocar mais texto no material projetado e não

utilizar somente tópicos – o estudante não conseguiria olhar os tópicos e prestar atenção à explicação do professor pela interpretação de Libras. Também passou a mandar os arquivos a serem projetados antes da aula. Assim, a estudante conseguia imprimir com antecedência e ler o do-

cumento. A mesma preocupação ocorria quando fazia exercícios no quadro.

A intérprete de Libras da UFFS – Campus Chapecó, Elis da Fonseca, que, em colaboração interinstitucional também atua no IFSC, lembra que o trabalho exige bastante dos intérpretes. “Cada

área tem sinais diferentes. Para uma aula de cálculo, por exemplo, precisamos estudar antecipadamente os sinais referentes àqueles conceitos”. Mas, para ela, é gratificante ver que o Campus Chapecó já tem pessoas ligadas à comunidade surda e, também, já conta com professor e estudante surdos.